

# Ângela dá receita para ser feliz



*Ângela disse que ficou muito honrada em ser uma das entrevistadas mas, a princípio, achou que fosse lobby de Gilmar de Carvalho.*

responsável pela revolução feminina. Mas a Ângela contestadora é um tanto cautelosa quando o assunto é política. Na Social Democracia, vê a porta de entrada para a saída do País. A chave pode estar nas mãos dos tucanos: Tasso Jereissati ou Ciro Gomes, um velho amigo, “uma pessoa inteligentíssima, um governador muito direito.” Ângela publicitária aposta na imagem do segundo, como a mais fácil de ser trabalhada nas eleições de 94, mas garante que os dois são “fantásticos”, e resume tudo na frase: “O Ciro é o Tasso”.

Frases de efeito rondam o dia-a-dia dessa mulher. Só pra ilustrar: “Sexo não tem sexo”, explicada por ela como “o direito de fazer sexo com quem você quiser”. Desde que não seja por “um bicho, um cachorro, qualquer forma de amor vale a pena”. Ângela polêmica detesta o proibido, tanto que cita, como preconceito seu, o pavor daquelas placas de “é proibido fumar”. A educação rígida e um grande contato com a Igreja, na infância e na adolescência, foram pedras no sapato de quem tem “horror” a essa instituição e considera Deus “uma necessidade de se apegar a algo superior pra explicar o que não se entende”.

Talvez por isso, ela considere a astrologia uma atividade típica da classe média, que busca no glamour dos astros um motivo pra crer em alguma coisa, quando não se acredita em quase nada. “É uma tentativa de ter um rótulo mais charmoso”. Ângela capricorniana com ascendente em leão é um “papoco”. Misturando os grilos do signo com a leveza do ascendente, vira Ângela equilibrada, que tem medo da morte, de avião e de escorregar no banheiro com sabonete... Mas uma Ângela aventureira, que corre atrás da felicidade a qualquer custo.

A Ângela capitalista convicta não tem medo do preço e não acredita numa realização profissional. “Se você se realizar, você pára”. Hoje, faz Direito na Unifor, como que cumprindo uma ordem de quando era mocinha. O seu sonho: concluir a faculdade. Próxima aventura: ver um show da Madonna. Medo da velhice: muito. Reencarnação: não existe, acabou. Enfim, Ângela Borges.

A maioria das pessoas não hesita em rotular: excêntrica. Nome de anjo e espírito de quem não teme castigo, Ângela da Silveira Borges não é o que se pode chamar de exemplo de boa moça. Pelo menos para os padrões do ambiente em que viveu e se tornou mulher. São 46 anos, que trazem como bagagem uma infância no interior do Rio Grande do Norte - Mossoró; arruaças em colégio de freira; quilômetros de estrada com incursões por comunidades hippies; o projeto de não ter filhos, “não ter que casar, ficar solteirona, não ser freira e não ser prostituta”, como sonhou aos treze, Ângela independente.

Assim é Ângela Borges. De jornalista à publicitária - hoje, assessora de comunicação do Governo do Estado do Ceará - deu a volta ao mundo. Foi pela independência e diversão que Ângela ganhou asas e deixou a casa dos pais, em 1965. Nunca mais voltou. Ângela rebelde vem da “maldade da raça” ou porque as mulheres de sua geração “disseram aos homens que queriam gozar também”.

A indústria farmacêutica, ela considera a grande

**Entrevista com a publicitária Ângela da Silveira Borges, dia 15/04/93**

**Produção:** Lyciane Pires e Fernando Serpa

**Abertura:** Ana Cláudia Peres

**Redação, edição e texto final:** Lyciane Pires

**Participação:** Adriana Albuquerque, Ana Cláudia Peres, André Barbosa, Fernando Serpa, Gabriela Frota Reinaldo, Henrique Rocha, Kalu Chaves, Lídia Marôpo, Lyciane Pires, Micheline Feitosa, Ricardo César Pinto, Sílvia Helena e Sônia Vitorino

**Foto:** Jarbas Oliveira



Ângela da Silveira Borges, quinta filha de uma família de nove irmãos, nasceu em Mosoró (RN) no dia 06 de janeiro de 1947.

Ângela chegou com três minutos de atraso, vestindo calça e blusa pretas e pediu um cinzeiro assim que disse "Boa Tarde".

Apesar de estar se recuperando de uma forte gripe, Ângela chegou fumando e durante a entrevista fumou mais 6 cigarros L&M.

**Laboratório de Jornalismo (LJ) - Ângela, como é teu dia-a-dia?**

**Ângela Borges (AB) -** Eu trabalho no Governo do Ceará, sou coordenadora da Assessoria de Comunicação Social do Governo do Ceará. Em tese, eu sou a pessoa que autoriza a propaganda legal e institucional do Governo do Ceará e todas as secretarias e estatais vinculadas. O meu dia-a-dia, às vezes, é noite-dia. Mas eu gosto de trabalhar normal, de nove da manhã às seis e meia da tarde. Eu prezo muito essa questão do horário. Nessa história da comunicação do Governo tem muita coisa glamourosa, que são as campanhas. Tem muita coisa chata, que é a publicidade legal. No Governo do Ceará não existe Secretaria de Comunicação. Então, existe um porta-voz, que é o Egidio Serpa; existe o coordenador, que é o Sérgio Pires; e existe eu que assessora a publicidade do Governo. Enfim, é esse trabalho num governo muito dinâmico porque o Ciro é um rapaz jovem, com muita disposição. Ele trabalha muito, não é? Então, acaba todo mundo trabalhando muito também. Agora esse meu último semestre, tranquei o meu curso de Direito. Tive um problema de hepatite. Ai, nesse semestre agora eu tive preguiça, mas no próximo, eu tô voltando. O meu dia-a-dia vai ficar muito cheio.

“Se você se realizar, você pára. Você tem que se realizar enquanto pessoa, ser humano. Essas outras coisas são só enfeites”

**LJ - Por que você está fazendo Direito?**

**AB -** Eu acho que todo jornalista chega um dia em que quer fazer Direito e todo advogado gostaria de ser jornalista. Talvez isso seja até uma coisa do passado. No passado os grandes jornalistas eram advogados. É uma necessidade de você trabalhar com imprensa. E quando teve o Código de Defesa do Consumidor - e eu sou uma pessoa

muito ligada à propaganda - encontrei no Direito uma fonte que se aproximasse daquilo que eu tinha feito a vida inteira, que era o Código do Consumidor. Essa vai ser a minha atividade profissional, quando eu me fornar.

**LJ - Além do lado profissional tem algum motivo especial que lhe levou a fazer Direito?**

**AB -** Bem, é engraçado. Era quase uma ordem quando eu era mocinha, que eu tinha que fazer Direito. Por reação eu não fiz. Agora eu tô resgatando isso pra mim mesma. Tinha muita preguiça, naquela época. Minha geração tinha muita preguiça, queria se divertir mais. Diferente de vocês, que com vinte anos têm que fazer sucesso, né? A gente não tinha muito essa preocupação. Na verdade, eu vou responder com mais honestidade à sua pergunta. Preocupação com o futuro. Vamos dizer que com 50 anos, eu precise de uma profissão nova. Direito é uma profissão liberal. Eu não dependerei de patrão, não dependerei de ninguém.

**LJ - Ângela, você disse que tem 46 anos e com 50 poderá procurar outra profissão. Você não se enquadra no perfil da mulher realizada profissionalmente, não?**

**AB -** Esse negócio de realizada eu nem sei. O que é ser realizada? Eu acho que com 50 anos eu posso começar uma outra coisa, não é? Acho que a gente não pode se realizar, porque se você se realizar, você pára, né? Você tem que se realizar enquanto pessoa, ser humano. Essas outras coisas são só enfeites.

**LJ - O nível técnico dos profissionais cearenses em publicidade pode ser comparado ao dos profissionais do restante do País?**

**AB -** Essa coisa de nível técnico é uma questão de informação. O Ceará teve momentos gloriosos de publicidade. E eu tenho ficado muito feliz em perceber que tem havido um interesse dos estudantes do curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará pela área de publicidade. A publicidade é muito ampla. Na publicidade, tem a pessoa que redige bem - tem que redigir muito bem; tem que ler; tem que

ser uma pessoa que saiba escrever muito bem. Você tem que conversar com um cliente durante uma semana e contar a história dele em trinta segundos, dizendo tudo, que é a média de um VT. Tem que ser excelente fotógrafo - tem que encontrar o ângulo certo do que você está fotografando. Então, a publicidade é muito técnica e tem que ter um mercado que dê sustentação, onde os profissionais ganhem bem, que possam ter acesso, que possam viajar para os locais aonde essa área tá cada vez mais desenvolvida. Mas eu acredito que o Ceará tem se desenvolvido cada vez mais nessa área de publicidade. Agora, se você é muito bom, de repente uma agência lá de São Paulo te contrata pagando dez vezes o que você ganha aqui. Isso não significa dizer que não tenha um celeiro de profissionais aqui. Acontece que a contingência do mercado termina carregando a pessoa. A inteligência nordestina não fica nada a dever à inteligência do Sul.

“Antigamente aqui era um terror, criatura. Pagava-se até manchete de primeira página em jornais”

**LJ - Você pode citar alguns nomes da publicidade que considera bons, aqui no Ceará?**

**AB -** Fernando Costa, Paulo Linhares - que agora é Secretário de Cultura -, Gilmar de Carvalho - que abandonou também -, Norton Lima Júnior - que agora tá também no jornalismo. Muita gente, né? Por exemplo, tem uma mulher que não quer entrar de cabeça na publicidade, mas ela é ótima, é a Ângela Barros Leal. Fantástica, um texto incrível. Tem muita gente boa na publicidade.

**LJ - Há alguma perda de escrúpulos em fazer propaganda institucional?**

**AB -** Se eu tenho que me violentar? De jeito nenhum... Porque é o seguinte, veja bem: se eu tiver incomodada, eu tenho que pedir demissão e sair. É a primeira vez

que eu trabalho no Governo, eu sempre trabalhei na empresa privada. O que eu tô divulgando do Governo Ciro Gomes é a pura realidade. Então, eu acho que divulgar, prestar contas é uma obrigação que o governo tem. Então, eu tenho muito prazer.

*LJ - Mas a propaganda do Governo é freqüentemente acusada de superestimar as obras do Governo...*

*AB - É porque é o seguinte, nós temos um governador que é superestimado em tudo. Veja, por exemplo, os tucanos tomaram conta. Primeiro o Tasso, depois o Ciro. Antigamente aqui era um terror, criatura. Aqui pagava-se até manchete de primeira página em jornais. Hoje em dia, nós temos uma estrutura de governo, que tem nove agências de propaganda pré-qualificadas, que concorrem em licitação para isso. Nós não damos publicidade direta pra jornalista ganhar 20% de comissão. Pelo menos, não através de mim. E se não é através de mim, é através de nada. E é uma publicidade científica. Não tem nada de superestimado. Não existe uma propaganda do Governador, do Governo, do político paga.*

**“O Brasil é um país totalmente descrente porque os pais e as mães desse país são pessoas mentirosas, corruptas”**

*LJ - Até porque a Constituição não permite...*

*AB - Sim, mas mesmo assim tem muito governo aí que dribla isso e faz... Vez por outra, vai nas televisões aí vaza. Isso não tem na publicidade do Governo do Ceará, nós não usamos. A publicidade do Governo do Ceará é concentrada no Estado do Ceará e, fora do Estado do Ceará, quando você faz algum anúncio técnico da Secretaria da Indústria e do Comércio, para atrair investimentos; da Coditur, para atrair turista.*

*LJ - A publicidade, através dos meios de comunicação de massa, veiculamuito a imagem do consumo. Acontece que a grande maioria quer consumir, mas não pode. Esse tipo de conflito não seria um fator a estimular mais ainda a violência social do país?*

*AB - É horrível a gente ver na televisão algo que não se pode ter o menor acesso, né? Então, deve ser muito conflitante, você precisar de um bem e não dispor dele (silêncio). Principalmente no Brasil, em que a publicidade é totalmente concentrada na televisão, o que é muito estranho, e a grande maioria que tá ali não pode comprar aquilo que tá passando. Eu não acho que seja a propaganda o estímulo dessa coisa social, não. É a falta de renda mesmo. A propaganda revela o que ela tem pra vender, pra atingir o público que pode comprar. O não-poder de compra é uma coisa complicada.*

*LJ - Porque esta pergunta está centrada em cima da seguinte questão: o homem comum, que não tem uma visão mais precisa do mundo, ganha o salário mínimo de Cr\$ 1.709.000,00 (Abril/93) e vê a propaganda de vários produtos que não pode consumir. O salário nunca dá.*

*AB - Eu nem sei, você está me perguntando isso agora, e eu nunca nem me aprofundi. Mas eu acho que as pessoas estão indo atrás de seus pedaços em várias coisas, de várias maneiras. Provavelmente, pode ser que dê uma força nisso, mas eu não acredito que seja a coisa preponderante. Eu acho que muito mais agressivo para o brasileiro é essa quantia de cento e tantos bilhões ou trilhões pra fazer tratamento de dentes dos deputados, né? A agressão de uma elite cada vez mais corrupta é uma ilusão. De repente, o brasileiro gosta de resolver os problemas dele, de uma maneira muito estranha... Olhe, veja bem, nos Estados Unidos, as pessoas acreditam no que dizem oficialmente. Sai uma notícia assim na imprensa: comer açúcar é perigoso pra saúde. No outro dia, tá todo mundo sem comer açúcar. Aqui, no Brasil, você diz: tem que botar água sanitária na água por causa da cólera. Nin-*

*guém acredita nisso. Quer dizer, é um país totalmente descrente porque os pais e as mães desse país são pessoas mentirosas, corruptas. Então, eu acho que nesse bolo a publicidade é só um grão no milharal.*

**“Eu fui da época do jornalismo sem nenhum romance, do jornalismo da revolução. Eu não conheço esse jornalismo boêmio”**

*LJ - E o jornalismo, o que é que falta no jornalismo cearense?*

*AB - Menina, você me pegou. O que é que falta? Até que foi bom, este ano, na Sexta-Feira Santa, circulou jornal. A imprensa brasileira, de um modo geral, melhorou muito nos últimos quatro anos. O que falta ainda no jornalismo é o jornalismo investigativo. Aqui no Ceará, aconteceram coisas que ninguém nunca investigou. Todo mundo se acostumou com a época da revolução. Foi quando eu me afastei do jornal. Uma época em que você não era mais jornalista, era office-boy de luxo. Você recebia os releases, tinha o censor no jornal, aí todo mundo começou a aprender a fazer jornalismo dentro da redação. Há um costume. Você se acostumou a fazer jornalismo sentado num birô. A “Folha de São Paulo” foi um jornal que rasgou um pouco essa bandeira na hora em que saiu para fazer um jornalismo investigativo. Quer dizer, o que falta no jornalismo é a investigação. A única maneira do jornalismo existir.*

*LJ - Você falou que as manchetes nos jornais eram pagas. Queria saber se aquela história de jornalismo antigo ser um jornalismo romântico, idealista e combativo é pura invenção?*

*AB - Nem sei (risos). Também eu não sou tão antiga assim. Eu fui da época do jornalismo sem nenhum romance, do jornalismo da revolução dos militares. Eu às vezes fico muito impressionada quando vejo*



O isqueiro rosa choque que Ângela trazia contrastava com a sobriedade da roupa, totalmente preta e folgada, que estava usando

Muito vaidosa, Ângela pediu para Jarbas não tirar nenhuma fotografia dela de perfil, pois disse que não saía muito bem.

Durante a entrevista Ângela tomou uma Coca-Cola e, para engolir um comprimido, um copo de água mineral



Ângela não é o que se pode chamar de *workaholic*. Ela só trabalha o que lhe pagam, ou seja, das nove às seis e meia.

Ângela adora música. Ela tem em casa uma enorme coleção de CD's, que inclui discos de Rock, MPB e ritmos latinos, entre outros.

Ângela disse que além de iconoclasta ela é uma pessoa movida pela sedução e ainda é vítima de uma incontinência verbal.

esses jornalistas que têm mais de 50 anos, que são muito orgulhosos. Eu não tenho nenhum orgulho da época em que fui jornalista porque foi numa época de extrema reação, controle, censura. Quem ficou foi porque agüentou a barra. Eu não conheço esse jornalismo romântico, boêmio. Eu já fui da geração pós-64.

“Eu sou inquieta mesmo. Sou de uma geração assim... Meio metamorfose ambulante, quero sempre mais e mais”

*LJ - Você falou que na sua época, como o jornalista era mal pago, tinha que trabalhar em órgãos do governo. Hoje em dia os jornalistas continuam sendo mal pagos. Como fazer para, ganhando mal, exercer sua profissão mantendo a ética?*

*AB - Tá me perguntando qual é a panacéia disso? Tem um aspecto importante. O curso de jornalismo funciona de manhã e à tarde. Logicamente já tem uma triagem natural. As meninas e os meninos que vêm fazer jornalismo já são de uma classe social mais abastada. Eles já têm um padrão de renda mais alto, podem estudar de manhã e de tarde. Eu acredito que a diversificação, hoje em dia, do produto comunicação permite um nível melhor. Você dá um expediente no jornal, você tem uma empresa de assessoria, faz um free-lancer aqui e outro acolá. A comunicação hoje é uma coisa que todo mundo precisa, não é? Acredito que desse jeito fica todo mundo bonitinho, bem arrumado, com carrinho.*

*LJ - Você acha que um bom publicitário será sempre um bom jornalista, ou vice-versa?*

*AB - Acho que não tem nada uma coisa a ver com a outra.*

*LJ - Qual é a diferença?*

*AB - De guitarra e violão. Instrumentos muito parecidos com execuções diferentes. O publicitário*

tem que ter mais o cosmos. Ele é um profissional mais universal. Tem que falar com um universo muito maior. O jornalista é mais especializado na coisa do texto, na informação, sei lá. O jornalista pode contar a história em 30 laudas, o publicitário tem que contar em 30 segundos.

*LJ - Ângela, eu queria que você falasse um pouco da sua transição do jornalismo para a publicidade. Como foi que aconteceu? Por quê?*

*AB - Foi por causa do dinheiro. Eu ganhava muito pouco como jornalista e não tava a fim de ter emprego público. Eu não tenho nenhum emprego público, tenho um cargo de confiança no governo. Não sou funcionária pública. Eu queria ganhar mais dinheiro, então eu trabalhava demais. Trabalhava no jornal O Povo, trabalhava com o Dorian Sampaio no Anuário do Ceará e não saía do canto. Até que a Editora Abril, que estava pretendendo abrir uma sucursal aqui no Ceará, me chamou para ser gerente. Foi muita sorte. Foi uma empresa que me levou para São Paulo, me treinou muito bem para essa área de publicidade, de você vender um espaço no meio de um conjunto editorial. Quer dizer, aonde tem a junção da publicidade com o jornalismo. Então, foi muito importante pra mim, muito rico. Eu comecei a ganhar dinheiro na publicidade.*

*LJ - Quer dizer que se não fosse pela questão do dinheiro você não teria mudado?*

*AB - Não. Foi puramente preponderante.*

*LJ - Então, atualmente você acha que a publicidade esgotou o que tinha para lhe dar e você está procurando outra profissão?*

*AB - Não. É porque eu sou inquieta mesmo. Sou de uma geração assim meio metamorfose ambulante, quero sempre mais e mais.*

*LJ - Por que o Ceará perdeu a posição de segundo lugar no mercado de revistas femininas no Brasil?*

*AB - Porque houve uma evasão dos clientes para agências do Sul. E houve também um problema mui-*

to sério: o Ceará tinha o maior reembolso postal do País - o catálogo Francolares. O que ocorreu foi a inflação exagerada e o reembolso não poderia mais existir. Como não existe hoje no Brasil, o reembolso agora é dolarizado. Ele deixou de existir porque até você escolher a peça, fotografá-la, veicular, alguém fazer o pedido e você entregar, dava uma média de 60 a 70 dias. Agora o país não tem mais referência de moeda. Naquela época o Ceará era o segundo mercado da editora Abril de revistas femininas por causa do reembolso. O reembolso acabou e o Ceará perdeu o lugar.

“Na hora que ele precisa de uma pessoa pra esse cargo, ele precisa de uma pessoa que seja direita, honesta”

*LJ - Ângela, criou-se um mito de que você tem poder no governo...*

*AB - De jeito nenhum! (risos)*

*LJ - Eu queria que você confirmasse ou não e explicasse como surgiu isso.*

*AB - Bom, eu vou lhe dizer. Eu tenho um cargo importantíssimo no governo. Não sou funcionária pública. Eu tenho esse cargo, acima de mim tem o Sérgio Pires, acima de mim tem o secretário de Governo. Então, tudo o que eu faço, eu faço de acordo com o Sérgio e de acordo com o Mauro Filho. Então, no dia em que você disser, “Ângela, arranja aí uma verba pra revista Entrevista”, eu digo “Tá certo”, aí eu vou batalhar. Aí eu tenho que falar com o Sérgio, aí eu preciso falar com o Maurinho...*

*LJ - Mas será que a sua amizade com o Sérgio não teria influência?*

*AB - Mas é lógico. Na hora que ele precisa de uma pessoa para esse cargo, que ele precisa de uma pessoa que seja direita, honesta, é evidente que pra esse tipo de cargo você quer uma pessoa amiga. Acho*



que me chamou porque já me conhecia. Influenciou a profissional que eu era, aliada a isso, não é? O Abraham Lincoln já dizia: pra formar um governo você tem que ter em primeiro lugar os amigos competentes, em segundo lugar os amigos e em terceiro, os competentes.

“O Brasil precisa é começar a ser capitalista, porque ele não é. As pessoas não podem viver sem comer, sem morar...”

**LJ** - E qual a sua ligação com o Ciro antes do Governo?

**AB** - Menina, eu conheço o Ciro desde que ele tinha uns 20 anos. Ele fazia Direito e eu freqüentava a Faculdade de Direito numa cadeira e conheci. Achei ele uma pessoa interessantíssima. Às vezes a gente saía um pouco, porque tínhamos uma amiga em comum. O Ciro é 11 anos mais novo do que eu, então quando ele tinha 20, eu já tinha mais de 30, mas a gente sempre se conheceu. O Ciro é uma pessoa muito batalhadora. Quando ele se candidatou a deputado estadual pela primeira vez, ele saiu pedindo a todo mundo pra votar nele, mas eu realmente não votei. Naquela época, votei na Maria Luiza (Fontenelle), porque já tinha me comprometido.

**LJ** - Você se diz social-democrata, então por que não é filiada ao PSDB?

**AB** - É aquela coisa bem brasileira. Eu não vou me candidatar, então pra que me filiar? Você é filiada?

**LJ** - Não.

**AB** - E você?

**LJ** - Não.

**AB** - Tá vendo? Não é do brasileiro se filiar a um partido.

**LJ** - Você acredita numa terceira via para as eleições do ano que vem?

**AB** - Eu acho que tem que ter uma terceira via.

**LJ** - Qual seria?

**AB** - Os tucanos. Tasso Jereissati.

**LJ** - Você considera o PSDB um partido sem base popular e elitista?

**AB** - Eu acho que não. O que existe é muita reação ao PSDB. As pessoas são muito conservadoras e as do PSDB não são. Elas estão atrás de propostas mais inovadoras.

**LJ** - E por que, quando se fala em partidos, o PT é o mais citado nas pesquisas de opinião?

**AB** - Porque é um partido antigo, que nasceu num momento de transformação que tava acontecendo no país e teve grande apoio da elite intelectual brasileira.

**LJ** - Você acha que a social-democracia iria acabar com as grandes dificuldades?

**AB** - Acho que não. O que o Brasil precisa é começar a ser capitalista, porque ele não é. As pessoas não podem viver sem comer, sem morar... São as oportunidades do Capitalismo com o controle do Estado, pra não haver exploração do homem pelo homem. Falta empresário, estão todos se segurando no Estado e ninguém vai à falência.

**LJ** - O prefeito de Quixadá, Ilário Marques, e outras lideranças mais progressistas do Estado estão temendo a volta do atraso político no Ceará, no próximo ano. Você também teme isso?

**AB** - Eu acho isso um perigo. O Ceará tem que ficar atento, ter muito cuidado. Todas as pessoas de boas propostas do Ceará estão muito preocupadas com essa volta.

**LJ** - Quem é o atrasado, hoje, na política do Ceará?

**AB** - Juraci (referência ao ex-prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães) e companhia. Esse grupo aí.

**LJ** - Por quê?

**AB** - Tá muito claro, você viu aí a prefeitura dele como um todo.

**LJ** - Mas se a grande parte da

população foi favorável à administração dele - e provou isso elegendo o Cambraia (Antônio Cambraia, atual prefeito de Fortaleza) -, você não acha que está sendo um pouco autoritária e um tanto parcial em falar dessa forma?

**AB** - Eu seria autoritária em dizer o que a população acha com relação ao Collor? Não, eu não acho.

“Eu escolhi um modo de vida que não cabia filhos. Gosto de crianças mas não tenho organização doméstica pra ter filhos”

**LJ** - Ângela, o que é ser capricorniana com ascendente em leão?

**AB** - Um papoco. Complicado. O capricorniano é mais taciturno, mais grilado. O leão é mais solto, dá um equilíbrio. O ascendente é o comportamento social. Eu sou estruturalmente uma pessoa de capricórnio.

**LJ** - Você disse que hoje é a mulher que sonhou ser quando tinha 13 anos. O que foi que você sonhou ser?

**AB** - Não ter que casar, ficar solteirona, não ser freira, nem ser prostituta (risos).

**LJ** - Ou seja, era muito a tua realização profissional, não é?

**AB** - Era a independência financeira, o poder de morar sem tá monitorada. Ser independente: eu quero viajar, eu viajo. E nessa decisão tinha também a decisão de não ter filhos. Eu escolhi um modo de vida que não cabia filhos. Gosto de crianças mas não tenho organização doméstica nenhuma pra ter filhos. Eu sou solteira, não tive filhos, moro só e não cuido de sobrinho. Isso não é uma rejeição, só um projeto de vida.

**LJ** - Como é que foi tua experiência nas comunidades hippies?

**AB** - É a minha geração, né? Era um interesse muito grande que você tinha pela liberdade da coisa. Quando você chegava na comunidade,

Ângela acha que o Brasil é controlado por uma elite podre há mais de 30 anos. Por isso não vai pra frente.

Ângela trabalhou no "Jornal da Tarde", no "Diário Popular" (SP), no jornal "A Tarde" (BA) e "A Fortaleza" e "O Povo" (CE).

No jornal "A Fortaleza", Ângela escrevia uma coluna de astrologia e conselhos sentimentais, onde assinava como Madame Sophie.



Ângela consulta frequentemente uma astróloga e durante a produção da entrevista ela estava num período astral turbulento.

“O poder é afrodisíaco” e “Sexo não tem sexo” são algumas das frases de efeito que fazem parte do vocabulário de Ângela.

Viajar e namorar, duas das coisas que Ângela mais fez durante sua passagem pelas comunidades hippies. “Me diverti na forma mais lúdica da palavra”.

era um guruzão lá, todo bacana, comendo todas as meninhas. A estrutura era essa na realidade.

**LJ** - Ângela, qual você diria que foi a sua atitude mais ousada? Você já usou drogas, por exemplo?

**AB** - Fumei mas não traguei (risos). Claro, eu fumei maconha, tomei LSD, fiz aquelas coisas. Droga pesadona; heroína, não.

“Trabalhei como empregada doméstica, trabalhei em jornal, trabalhei em banco... Fazia um dinheiro e saía do trabalho”

**LJ** - Mas qual foi a sua atitude mais ousada?

**AB** - Ter saído de casa. Sai com 18 anos e não voltei mais nunca.

**LJ** - Como foi sair de casa?

**AB** - Uma maravilha! (risos)

**LJ** - Saiu e foi pra onde?

**AB** - Eu saí, fui pra Salvador, aí fui pro Rio de Janeiro, fui pra São Paulo...

**LJ** - Como você se sustentava?

**AB** - Trabalhei como empregada doméstica, trabalhei em jornal, trabalhei em banco... Trabalhava, fazia um dinheiro, saía do trabalho. E nós éramos todos da classe média. Meu pai mandava dinheiro pra mim. Todas as pessoas eram da classe média. O movimento hippie não tinha periferia. Eram os ricos da classe média alta.

**LJ** - A sua família não foi contra você sair de casa?

**AB** - Foi totalmente contra.

**LJ** - E mesmo assim, a sua relação com a família não foi abalada?

**AB** - Olha, o tempo é uma coisa maravilhosa. Quando você termina um amor, é uma coisa horrível, não é? O tempo passa e você começa a lembrar do que foi bom naquela relação... Eu sou uma pessoa muito otimista e me lembro sem-

pre daquela parte boa da história. Porque se eu for falar de como foi difícil também - eu quase fui estuprada e passei por todos os perigos de se estar na rua, porque essa independência feminina é muito relativa. Eu me sinto como uma mulher que saiu da cozinha pra sala de visitas. Pras ruas ainda não. A rua é muito perigosa.

**LJ** - Você falou que não gosta de nada proibido...

**AB** - Não assim exagerado.

**LJ** - Evocê foi uma pessoa que teve uma educação rígida, estudava em colégio de freiras, chegando a encurtar a saia com grampeador, que viveu numa cidade pequena. De onde veio essa rebeldia que parece estar com você desde criança?

**AB** - Menina, vem da maldade da raça. Mas as mulheres de minha geração disseram aos homens que queriam gozar também. Foi na época da pílula. Eu sempre digo que a grande revolução da mulher foi a indústria farmacêutica. Então, tava na hora. Até meu pai era muito entusiasmado com as filhas dele. Minha mãe, não - como toda mãe, era muito machista. Lá em casa nós éramos nove irmãos e a relação ficava muito complicada, porque tem a distribuição de poderes: irmão homem, irmão mais velho, mais novo, o que é mais fraquinho, a filha bonita, a inteligente. Tem a mãe que dá um papel a cada um.

“Eu me sinto como uma mulher que saiu da cozinha pra sala de visitas. Pras ruas ainda não. A rua é muito perigosa”

**LJ** - Você foi a ovelha negra da família?

**AB** - Eu não fui a ovelha negra. Eu, provavelmente, dei um susto na minha família porque não fui o que eles pensavam. Eles achavam que eu ia ser um desastre na vida. Eu apenas fui de uma geração de mu-

heres que resolveu brincar, se divertir e namorar mais que as outras. Na hora que foi necessário entrar no mercado de trabalho, eu entrei e tinha um lugar pra mim. Por que não ia ter? Eu fui muito bem educada, era de classe média.

“Eu digo: ‘Valha-me Deus’, mas não sei se é cultural. Aquilo que você não compreende, você tenta pegar numa entidade superior”

**LJ** - Você disse que os homens procuravam lhe conquistar pelo lado econômico...

**AB** - O poder é afrodisíaco. Então, as pessoas que têm muito dinheiro, têm mais condições de ser mais glamourosas. Eu sou totalmente contra essa história de amor e uma cabana. Acho que as coisas têm que ser bem estabelecidas. Pouco dinheiro e muito dinheiro são coisas complicadíssimas.

**LJ** - Eu tô falando do conceito que você tinha do homem como provedor, o seu lado capitalista não é contraditório com isso?

**AB** - Não, de maneira alguma. Eu queria ter o meu poder econômico para decidir o que queria. Eu detesto esse papel da provedora, tanto que eu não fui mãe. Não consigo conviver com o peso da responsabilidade de ser provedora de ninguém. O ônus de ser provedora é tão ruim quanto o de ser provida. E quero me encontrar com alguém que seja provedor de si mesmo.

**LJ** - Você não acha que a Igreja reforça o papel do provedor masculino?

**AB** - Mas é claro. Ela reforça sempre. A Igreja tá sempre do lado do poder. Se um dia a mulher tivesse no poder, com certeza, a Igreja estaria ao lado dela. Eu não gosto da Igreja. Eu tenho horror à Igreja. Ela vai de um rumo ao outro das coisas.

**LJ** - E quem é Deus?

**AB** - De verdade, de verdade? Não



Mesmo não sendo filiada a nenhum partido, Ângela se considera uma social-democrata e acredita que Tasso é a saída para 94.

sei... Essa necessidade que você tem... Por exemplo: eu não tenho ídolos. Eu digo: 'Valha-me Deus', 'Valha-me Nossa Senhora', mas não sei se é cultural, simplesmente me apego a essa coisa porque é da natureza humana. Aquilo que você não compreende, aquilo que você não pode resolver, você tenta pegar numa entidade superior. Amir Klink deu uma resposta maravilhosa sobre essa história de Deus. Perguntaram pra ele sobre aquela viagem solitária: "Foi um encontro com Deus?" E ele: "Não, foi um encontro comigo, quer dizer, das minhas possibilidades de resolver as coisas na hora das intempéries".

**LJ** - Será que a astrologia teria alguma coisa a ver com isso?

**AB** - Não. A astrologia é essa coisa de nós, da classe média, que não temos quase nada, que não acreditamos em quase nada, aí dizemos: eu sou capricorniana com ascendente em Leão. É uma tentativa de ter um rótulo mais charmoso, glamouroso.

“Como é que você pode estabelecer, institucionalizar o comportamento sexual? Se você pudesse, a AIDS desapareceria”

**LJ** - Você disse que o romance da Simone de Beauvoir, "Memórias de uma Moça Bem Comportada", foi um divisor de águas na sua vida. O que foi que mudou depois dali?

**AB** - Veja bem, eu morava numa cidade do interior do Rio Grande do Norte, onde até a geladeira era a gás, mas era uma cidade muito interessante porque tinha um jornal diário e tinha emissora de rádio, enfim, muita informação. Era também num estado em que a mulher se destacava: tinha a primeira prefeita do Brasil e outras muito fortes. A minha mãe é que deu uma orientação toda voltada

para o casamento... Eu tinha um irmão bem mais velho, que adorava ler. Um dia eu peguei aquele livro da Simone e não sabia nem pronunciar o Beauvoir e fiquei curiosa, uma mulher escrevendo quando tão poucas faziam aquilo. Na época eu tinha 13 anos e quando eu li o livro, me deu um "tilt" de que poderia, que tinha um mundo maior pras mulheres, apesar do livro se passar na França, uma outra realidade, mas eu achava que queria aquilo mesmo. Só que eu me sentia muito só nessa fase da vida. Eu tenho amigos afetivos, mas nenhum amigo constante antes dos vinte anos. Porque o que une as pessoas são as idéias, você se assemelha à tribo. Então, eu tenho muito afeto mesmo é com a minha família.

**LJ** - Você acredita que toda forma de amor vale a pena?

**AB** - Sim, né? É uma frase besta, mas é. Se bem que se apaixonar por um cachorro, eu acho que não. Por gente vale a pena.

**LJ** - Você é quem usa sempre a frase "Sexo não tem sexo".

**AB** - É, eu acho que não tem mesmo. Existe uma coisa estabelecida. E como é que você pode estabelecer, institucionalizar o comportamento sexual? Se você pudesse, a AIDS desapareceria, ficaria só pra quem tá usando agulha. Então, sexo não tem sexo. É a palavra sexo, tá entendendo? Não contra, nem a favor, nem pelo contrário. É um direito. Você faz sexo com quem quiser.

**LJ** - E você tá apaixonada?

**AB** - Eu tô apaixonada. Troco uma paixão por outra. Eu sou apaixonada. Mas eu só me apaixono se o outro lado me der bola. E tem que ser uma pessoa glamourosa pra eu me apaixonar.

**LJ** - Ângela, você acha que o papel da mulher tá diferente hoje em dia?

**AB** - Olha, só se transformará com a independência no bolso, a independência econômica. E nós atualmente só ganhamos metade do que ganham os homens.

**LJ** - Você acha que quando a

mulher exigiu o direito de ter prazer foi por ter perdido o medo ou o quê?

**AB** - Foi uma forma de se divertir mais. A pilula permitia que a mulher tivesse transações sexuais mais exóticas, mais prolongadas, mais amiúde. Essa geração de vocês eu acho que não perdeu não.

“A diferença do homem pra mulher é a seguinte: a mulher precisa de uma razão pra fazer sexo; o homem precisa de um lugar”

**LJ** - Já que o assunto é liberação sexual, revolução feminina, você acha que o homem mudou? Houve uma transformação?

**AB** - A diferença do homem para a mulher é a seguinte: a mulher precisa de uma razão pra fazer sexo; o homem precisa de um lugar. Ele não mudou absolutamente nada, apenas ficou mais assustado e se afastou muito das mulheres. O que essas mães têm passado de talquinho no bumbum dos filhos... E são uns menininhos tão sem graça, né? Que chamam de Mauricinho, né? Uns meninos "véi" tão sem... sem... Principalmente aqui no Ceará, que são muito baixinhos e usam umas calças com muitas pregas (risos). Umas camisas fechadas. Uns tamboretinhos assim, bem pequeninhos... Não sei direito dizer como é, não. É mais ou menos isso, uma coisa sem gosto. Eles têm muito medo das mulheres, hoje em dia. Ele está muito inseguro de ter que dar prazer às mulheres.

**LJ** - Se você nascesse de novo, o que você queria que fosse igual e o que queria diferente?

**AB** - Ah, eu queria ser lindíssima (risos). Era só isso. O resto sem problema.

**LJ** - Você, como mulher, deu muito trabalho pras freiras?

**AB** - Todas da minha classe dávamos. Não acreditávamos nas coisas

Ângela sempre foi namorada. Seus alvos preferidos eram carnívoros e representantes de venda que passavam por Mosso-ró.

Um intenso brilho nos olhos verdes demonstra uma grande paixão de Ângela pela vida: "Felicidade é sempre buscar a felicidade".



Ângela dorme tarde, acorda cedo e, namorar, dançar, ler, conversar e viajar são alguns dos seus hobbies favoritos.

sagradas. Achávamos as freiras umas frustradas porque não namoravam. Mas era muito sofrido porque a gente dizia isso e tinha toda uma cultura cristã.

“Adoro escritores latinos: Jorge Luís Borges, Gabriel García Marques, Júlio Cortázar. Sabe, eu sou muito latina”

*LJ - E do teu contato com as comunidades hippies e todas as tuas viagens pelo Brasil, América do Sul e resto do mundo, o que houve de melhor? O que te aconteceu?*

*AB - Me diverti muito. Eu não sei, eu só sei que me diverti muito. Namorei muito. Me diverti na forma mais lúdica da palavra diversão.*

*LJ - A tua paixão pela latinidade é uma coisa muito intensa, não é?*

*AB - Eu amo. Adoro escritores latinos: Jorge Luís Borges, Gabriel García Marques, Júlio Cortázar. Sabe, eu sou muito latina. Na música, a minha preferência é por tango, rumba, merengue, bolero, chá-chá-chá, qualquer ritmo latino. E ainda tem aquela descoberta maravilhosa no cinema, que é o Pedro Almodóvar. Ele é uma maravilha, uma coisa assim como Miami.*

*LJ - Como é gostar tanto de coisa latina e ter essa paixão por Miami?*

*AB - Ora, mas você quer coisa mais latina do que Miami? Miami é o meu ideal latino. Olha, não existe coisa melhor no mundo que o *American way of life* ao som da rumba.*

*LJ - Ângela, certa vez você comentou que o cinema era uma coisa muito interessante, de grande influência em sua vida. Qual o personagem que você gostaria de ser?*

*AB - Gilda. Gilda era linda. Gilda de Rita Hayworth. Se eu pudesse ser bonita daquele jeito!*

“Miami é o meu ideal latino. Olha, não existe coisa melhor no mundo do que o *American Way of Life* ao som da rumba”

*LJ - Como publicitária, nas eleições de 94, qual a imagem mais fácil de ser trabalhada: *Ciro ou Tasso*?*

*AB - Atualmente, a do *Ciro*. Porque ele tá lá. É uma pessoa muito interessante e um governador muito direito. Ele, como governador, tá na mídia. O *Tasso* não está. Eu acho que, no conjunto de idéias, os dois são fantásticos, mas nesse momento o *Ciro*... Eu acho que o *Ciro* é o *Tasso*.*